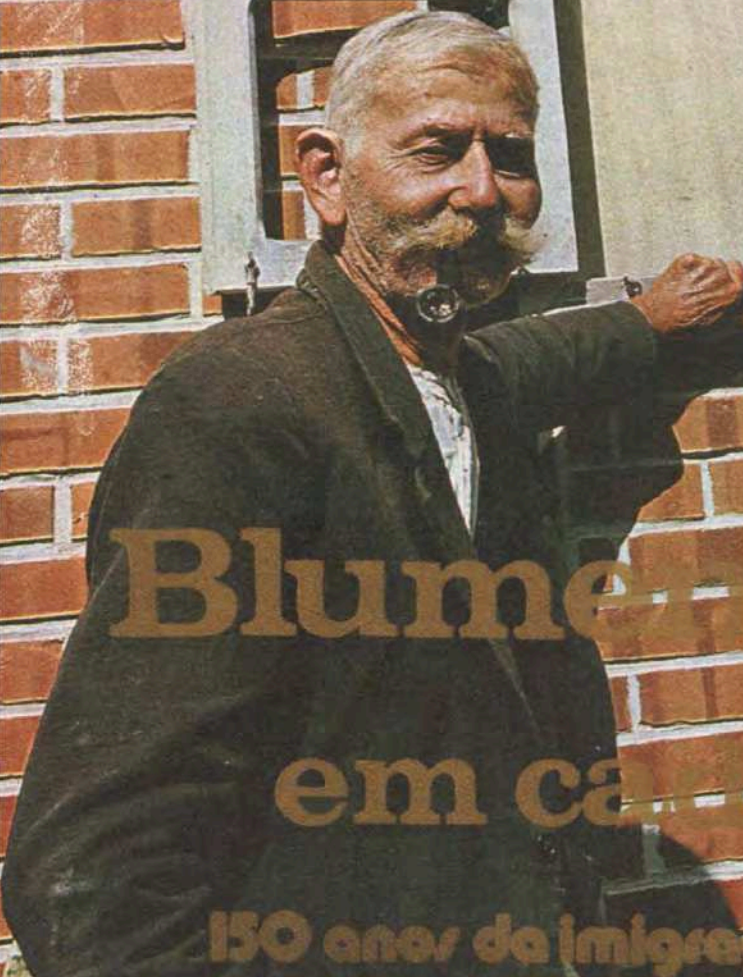


TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº 48
ECT DR. S. C.

ELES ACREDITARAM NO BRASIL



Blumenau
em comemoração
150 anos da imigração alemã

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Tabacos Blumenau S/A. - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Artex S/A. - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Prefeitura Municipal de Blumenau
Companhia de Cigarros Souza Cruz - Blumenau
Artur Fouquet - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Felix Hauer - Curitiba
Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Gráfica 43 S/A. - Ind. e Com. - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Dr. Jucy Varela - Caçador

Bluménau

em Cadernos

TOMO XV

DEZEMBRO DE 1974

Nº. 12

FELIZ NATAL e PRÓSPERO ANO NOVO

Ao terminar o ano de 1974, cabe-nos proceder a um balanço das atividades desta publicação, que entra agora em seu décimo sexto ano.

Fundada, por José Ferreira da Silva, em novembro de 1957, pensamos, ter "BLUMENAU EM CADERNOS", nestes longos anos, seguido sua trajetória com galhardia, não tendo traído as finalidades para a qual foi fundada. Apesar das constantes altas de preços do papel, mão de obra e materiais gráficos, temos podido manter a publicação por preço bastante irrisório no afã de difundir cada vez mais os fastos de nossa história. Não fosse a generosa cooperação das indústrias, do comércio, da Prefeitura e de pessoas amigas, de há muito teríamos sido forçados a suspender a continuidade da publicação deste mensário.

Todavia, forçoso é confessar, que a magnanimidade encontrada por parte de nossos colaboradores, cooperadores e amigos, nos forcem a continuar na luta, da qual seria covardia desertar.

A partir do próximo ano, contra a nossa vontade, somos forçados, para manter o equilíbrio financeiro desta revista, a elevar o preço da assinatura, de doze para vinte cruzeiros.

Para tanto, contamos com a compreensão e benevolência de nossos assíduos assinantes.

É intenção nossa, aumentar o número de páginas, tornando esta publicação mais atraente e interessante, mas isso só poderemos fazer, se contarmos com o auxílio de todos os bons brasileiros, que sabem de nossa luta e das boas intenções, de que nos achamos possuídos.

Concluindo, não podíamos deixar de desejar a todos os nossos leitores, amigos, colaboradores e cooperadores, um FELIZ NATAL e próspero e venturoso ANO NOVO, cheios de paz e de bençãos do menino Deus, que nasceu numa humilde mangedoura, para redimir a humanidade.

Posse do Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

Realizou-se no dia 17 do fluente, às 16,30 horas, no salão nobre da Prefeitura Municipal de Blumenau, a posse do novo Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", nomeado pelo Exmo. Senhor Prefeito Municipal, pelo Decreto nº 582, de 21 de outubro último.

Com a leitura do referido Decreto, teve início a cerimônia de posse sendo que, empossados, foram os seguintes:

Senhores Hercílio Deeke, Edison Müller, Senhoras Cristiana Elisa Barreto, Isolde Hering D'Amaral, Senhores Elimar Baumgarten, Rolf Ehlke e Prof. Nelo Osti.

Após a cerimônia de posse, o Senhor Prefeito agradeceu em rápidas palavras, a cooperação que tem recebido dos membros do Conselho Curador, tecendo vários considerandos e expondo parte do plano que tem em mente, para ampliar e melhor atender os reclamos culturais dos munícipes.

Enalteceu a obra que a Fundação vem realizando em prol da Cultura Catarinense, graças à dedicação e amor pela causa abraçada.

O Senhor Hercílio Deeke, em rápidas palavras, agradeceu em nome dos Conselheiros recém empossados, a confiança neles depositada pelo Senhor Prefeito Municipal, prometendo prosseguir com afinco a obra iniciada.

O Conselheiro Sr. Edson Müller, usando da palavra teceu varios comentários, encarecendo a necessidade de se proceder varios melhoramentos na Biblioteca Pública para melhor atendimento das partes.

A seguir foram debatidos vários assuntos de interesse da Fundação, com integral apoio do Senhor Prefeito Municipal.

Terminada a cerimônia, os componentes do Conselho Curador dirigiram-se à sede da Fundação "Casa Dr. Blumenau", onde se procedeu a eleição da Diretoria, que ficou assim constituída:

Senhor Hercílio Deeke: Presidente (reeleito)

Senhor Edison Müller: Vice-Presidente (reeleito)

Após a eleição, o novo Conselho tomou conhecimento de vários assuntos em pauta, que foram apresentados pelo Senhor Secretário Executivo, e, após debates, foi encerrada a Sessão, que terminou às 19 horas.

Transcorrendo a 30 do mês em curso, o primeiro aniversário do falecimento do Professor José Ferreira da Silva, o Sr. Presidente, determinou fosse mandado celebrar uma missa, pelo descanso da alma do saudoso extinto.

NATAL NA MATA VIRGEM

Pelo Pastor Wilhelm Lange,
nascido em Derwitz em 22 de Março de 1858,
falecido em Timbó em 19 de Novembro de 1930.

1. — NÁTAL DOS SOLITÁRIOS

Ano 1886.

Faz de conta que te encontras em uma choupana na mata virgem, feita sem solidez, com seis estacas enterradas no solo, coberta de fôlhas de palmeiras e as paredes de ripas de palmitos amarrados com cipó nas travessas, uma ou duas aberturas com janelas o piso de chão socado, tudo obra de alguns dias. É a noite de Natal. Lá, dentro da choupana encontra-se o colono com sua família. Lá fora o calor insuportável; lá dentro não é mais amena a temperatura, por isso que no meio, sobre o fogão crepitante vê-se o indefectível caldeirão em que se cozinha o trato dos porcos e ao pé do qual se encontra a panela onde se prepara o próprio alimento. Ao redor da choupana foi a mata derrubada, vendo-se em seu lugar viçosas roças de milho. Entretanto, a vista fica tolhida à tua direita e à tua esquerda, na tua frente e pelos lados de trás, em toda parte mata virgem. O visinho mais próximo mora quize minutos ou ainda mais longe. Uma picada irreconhecível conduzir-te-á lá, morro abaixo, morro acima através da espessa mataria. Eu não te aconselharia tentar a aventura durante a noite. E tu pensas: — para que? como deve ser sugestivo festejar o Natal na solidão da floresta! O colono na choupana pensa de outro modo, para ele a poesia inexistê, vê tão sòmente a realidade nua e crua. Quatro meses apenas são passados que deixou Dresden, a cidade em que nasceu, há três meses que mora neste ermo e hoje é o Natal. Quem pudesse escapar, fugir do arvoredo em busca de gente! Agora, dirige sem parar os olhares sombrios para o fogo, ao pé dele está o filho de dez anos que o criva de perguntas para saber se hoje é de fato o dia de Natal, se o menino Jesus não vai chegar hoje refulgente de luzes trazendo brinquedos. Duas crianças dormem deitadas sobre uma tarimba. Como são felizes, ao menos estão sonhando com o Natal. À beira do rústico leito está a mãe, os olhos cheios de lágrimas. Natal triste — Natal na mata virgem!

2. — NATAL SEM DEUS

Ano 1887

Continua peregrinando em minha companhia, à uma região diferente e que já está povoada mais densamente. Os habitantes são todos lídimos agricultores alemães e lá veremos como é festejado o Natal. Eles moram ao longe de extensa estrada, muitos ainda em suas pobres choupanas de palmito; outros em casas de madeira. Aqui e acolá já aparece uma ou outra residência de alvenacia. Todavia, o quadro que se nos apresenta em seu interior, quasi não difere do que foi descrito. Os pais e os filhos mais velhos ainda rememoram como celebravam as festas natalícias

em épocas anteriores. Poucos, porém, volviam seus pesamentos para a importância das comemorações. Deve essa circunstância porventura causar estranheza? A localidade mais próxima onde é anunciada a palavra de Deus dista quatro horas de jornada. É verdade que três anos antes já dispunham de um simulacro de escola. Um amigo alfaiate ensinara durante alguns meses as crianças, na leitura e na escrita. Foi de duração efêmera, pois, a remuneração de quinze mil reis mensais não compensava. Depois chegou um moço, alemão novo, pertencente visivelmente à esta classe de imigrantes que adoram bebidas fortes. Pelo cartão de visita intitula-se "candidato em ciências naturais", era assim um homem estudado. Após seis semanas foi despedido porque estava quasi sempre embriagado. Com um "engenheiro" a experiência foi ainda pior e depois, não havia mais escola. Que milagre quando um colono hoje, diz aos filhos mais velhos: "Vamos festejar o Natal na venda". Enquanto a mulher fica em casa cuidando dos filhos menores, chegam os outros ao destino, após uma caminhada de hora e meia. Lá, começa a pândega. Na véspera, o vendeiro matara um porco. Há linguiça fresca e cachaça, muita cachaça. Encontram muitos homens desalmados em cuja companhia, farreando celebram o seu Natal. Serão eles de fato tão desalmados? Ou talvez, muitos deles, estão aqui precisamente porque não encontram cousa melhor, ou vieram aqui para esquecer? Então, dever-se-ia ampará-los, não com dons materiais, pois a terra dá aos colonos trabalhadores o necessário para a subsistência, ampará-los, porém, com a mensagem: "Hoje vos nasceu o Salvador!" Precisamente nos anos decisivos e cheios de renúncia dos primeiros tempos seria tal mensagem duplamente necessária. Justamente encarecendo, nos primeiros cinco ou talvez dez anos, a consequência será o alheamento dos novos imigrantes de Deus e da palavra divina e, assim, o festejo do Natal verifica-se na venda e não na Igreja; E os poucos que não aderem a tal estado de coisas, mas que ficam em seus tugúrios, que amam uma modesta árvore de Natal com algumas velas, lendo em comum as histórias natalícias, esses desaparecem no meio da multidão, Triste o Natal na mata virgem!

3. — NATAL SOB O SIGNO DA PALAVRA DE DEUS

Ano 1888

Como é diferente o Natal na mata virgem quando é celebrado no meio de uma comunidade cristã! No meio da mata foi localizada uma comunidade cristã. Viera da Rússia. Em conjunto, vieram talvez em número de 140 à procura de um novo lar, acompanhados de seu pastor que estas linhas redige. Moravam, nos primeiros tempos, sob o mesmo teto, "o Barracão", construíram uma rústica casa de palmitos, que servia de escola e de Igreja, levando ainda um ano que fosse levantado para si e para sua família uma pequena residência. Todos os domingos, como ainda na noite de um dia da semana, poder-se-ia encontrar,, e efetivamente se encontra, na casa de Deus, lenitivo e conforto espiritual. Do ensino do canto, como diz a senhora Pastor, eu fiquei encarregada. Na época do Advento fazíamos exercícios assíduos dos côros e velhas canções alemãs. Assomando eu à porta e entoando: "O du fröhliche" ou "Ihr Kinderlein kommet" ou "Stille Nacht", da direita e da esquerda surgiam as crianças da escola, em cântico cantando, onde quer que estivessem, nas casas ou nas

plantações. De casa em casa se estendia o canto, ecoando alegremente pela mataria afora. Na noite santa a nossa modesta escola mais parecia um coqueiral. Não se economizavam as palmeiras e como não havia assoalho era cômodo e fácil fincar os palmitos no chão. As palmeiras eram ligadas por florões e as paredes, então nuas, eram ornamentadas com folhagem. Obviamente, não faltava a indefectível árvore de Natal, não podendo ser um pinheiro servia um pé de mato da capoeira. Quando estavam acesas as velas, verificou-se um desagradavel incidente, pois uma cobra venenosa aninhara-se na sua ramagem, e poderia ter causado grande dano, estando agrupadas e bem rentes à mesma as crianças. Morto o bicho peçonhento, duplicados foram os motivos para que rendessemos graças a Deus. E quando começaram a ecoar as canções natalicias juntamente com os coraie da comunidade, acompanhadas pelo harmônio, quando foi anunciada a duas vèzes milenar e sempre perenemente nova história do nascimento do Salvador, as crianças, uma por uma, iam dizendo suas modas e suas sentenças alusivas, cada uma acompanhando sua velinha acesa. Poderíamos então olvidar que estávamos vivendo no seio da selva da qual não decorrera cinco meses, após ter sido derrubada a primeira árvore. Com o coração cheio de alegria, cada qual regressava ao lar, convicto de estar sob a proteção de Deus, e, por esse motivo, podiam dizer de si para si: "Mesmo na mata virgem celebramos um feliz Natai".

4. — NATAL NO PÁTIO DA CASA PAROQUIAL

Ano 1889

Seis anos temos sido servidos pela escola provisória aproveitada como casa de oração e toscamente construída de palmito. Agora, porém, a ação das intempéries se fazia sentir sobre as paredes, de modo que, na eminência de temporal, para fugir do perigo de desabamento, todos eram obrigados a sair, procurando abrigo ao ar livre. Dispondo de minguados recursos, dado iniciar a construção de uma pequena igreja de alvenaria de estilo digno e que brevemente estará concluída. As aulas e os serviços divinos dominicais eram ministrados, durante a construção, na espaçosa casa paroquial. Porém, poderá ela porventura receber todos quantos comparecerem pelo natal? Então realizaremos a festa ao ar livre. Na entrada do pátio paroquial pende, encimando a portalada, uma brilhante estrela natalina, como que um convite sugestivo a todos quantos passarem pela estrada. Um cipreste, existente no meio do jardim, foi enfeitado com numerosos lampiões coloridos e uma mesa colocada na frente dessa árvore de natal, ornamentada com flores e folhagens, serve de altar. Os bancos foram improvisados com tábuas sobre estacas fincadas no chão. Todo o local está rodeado de palmitos ligados entre si por meio de cipós nos quais os fieis dependuram suas lanternas que porfiam com o luar na iluminação do ambiente. Deus, ele próprio, providenciou as luzes circulantes, pois atraídos pela iluminação, milhares de vagalumes esvoaçam ao redor, pousando alguns prazenteiramente na ramagem da nossa árvore de natal. Todas as bancadas estão ocupadas. Maior claridade, melhor iluminação gozam os três primeiros bancos, ande se aglomeram as crianças. Brilham quais estrelas os olhos infantis, porfiando com as lanternas acesas no seu colorido, enquanto declamam os versos natalinos ou narram as histórias

do nascimento do Salvador. Até parecem que não querem desprezar as vistas da árvore com tal encantamento a encaram. Enquanto o pastor pronuncia a sua prédica, cantando toda a comunidade ou as crianças alternadamente, dando lugar à Sociedade de Canto, localizada à parte em um caramanchão, onde floriam brincos de princesa; o cõro às vèzes tinha o estranho acompanhamento do cricri dos grilos ou do coaxar das rãs que mais pareciam o martelar sobre uma bigorna. Ao redor, envolta em profunda gravidade, encontra-se a sombria floresta, contrastando com as luminárias das gentes satisfeitas. Então, cada qual, munido de sua lanterna, regressa aos lares, para acender, também lá, a árvore de natal; todavia não caminham oprimidos, pois faziam ecoar na mataria as suas árias cantadas em cõro, executadas com maestria (eram teuto boêmios muito dados à música). Pouco a pouco extinguiu-se o aluminar das lanternas e a voz dos cantores perdia-se nas profundidades das selvas; entretanto, perene ficará para mim esse quadro de minha vida na floresta virgem, essa noite de Natal no pátio paroquial. Feliz Natal — Natal na mata virgem.

5. — TRISTEZAS E ALEGRIAS DE UM PASTOR PELO NÁTAL

Ano 1890

Como olhares também na mata virgem, pelo Natal, são cheios de fadiga os dias para o Pastor, mas eles são cheios de atrativos, talvez precisamente porque são trabalhosos. Era a quinta vez que celebrava o natal no Brasil, no ano de 1890. No primeiro dia festivo celebrei officio religioso na sede da paróquia, no segundo em duas escolas localizadas ao norte numa distância de 2 1/2 a 3 1/2 horas à cavalo. No terceiro quiz realizar um desejo muito acalentado, qual fosse o de anunciar a palavra de Deus nas colônias mais novas, à margem do rio Itapocú e seus afluentes; colonos esses que haviam se localizado nos últimos dois ou três anos. Às cinco da manhã, parti à cavalo numa madrugada maravilhosa. O tempo estava ótimo prometendo um belo dia, se bem que de calor. Logo comecei a trilhar, ora através das selvas virgens ora através de plantações e pastagens, passando por bem pobres choupanas de colonos até que, depois de jornadas duas horas, cheguei a um rio onde terminava a estrada. Atravessar esse rio que não era lá muito largo, a vau, não deixava de ser empreitada algo arriscada, por isso que era de fortes itoupavas e barrancos a pique. O meu fiel cavalo carregava-me, deslizando a barranca lamacenta abaixo e, os loros encolhidos consegui chegar à margem oposta de pé enxuto, acoorado no lombo do animal, que de um pulo galgou o alto da ribanceira. Então tinha ainda um trajeto de meia hora com muitos obstáculos, pois nos rios encachoeirados se bem que não muitos grandes, ainda existiam pontes. Mas eis que terminaram as comodidades. Tive de separar-me da minha montaria, deixando-a sob a guarda de um colono. E agora começa a caminhada a pé, o que no mês de dezembro, constitue prazer. O mato havia sido derrubado numa largura de trinta metros, todavia os grossos troncos cruzavam a picada, obstruindo-a, além do cipozal e da capoeira da altura de uma pessoa. A vegetação, ainda coberta de orvalho, fustigando o rôsto por todos os lados, deixava o corpo completamente encharcado. Quando surgiu o sol, os seus raios impiedosos castigavam o corpo, e só após duas horas de exaustiva caminhada, tendo de pular sobre inúmeras

tranqueiras, atravessando banhados sobre pinguelas de palmito, consegui chegar ao meu destino, morto de cansaço, completamente encharcado pelo orvalho e pelo suor.

Com grande satisfação tomei conhecimento de que, poucos dias antes, haviam sido expedido convites a umas quarenta pessoas, e nós celebramos o primeiro ofício divino nessa região num galpão que à noite, abrigava vacas e cavalos. Mesmo carecendo de qualquer exterioridade e qualquer utensilio conveniente, o principal consistia em que foi anunciada a palavra de Deus proporcionando consólo a quantos dele necessitavam. Entrementes, era meio dia. Como eu tivesse saído de casa apenas com uma chicara de café e uma fatia de pão e deixara irresponsavelmente uma provisão suplementar na mala da garupa, fiquei sensibilizado a uma colona, natural da Pomerânia, que me ofereceu uma chicara de leite e uma fatia de pão seco e fabricado de farinha de milho. Que isso fosse o único alimento até as dez horas da noite, naquele momento eu ignorava.

Terminado o ofício religioso, prossegui na minha caminhada. Nesse meio tempo caiu um aguaceiro, e chovia a cântaros, encharcando as matas e as capoeiras e mais ainda o viandante, pois o mês de dezembro nesse particular é muito bem intencionado. Primeiramente, meia hora de retôrno pelo caminho anterior, depois desviando pela esquerda, atravessando de canoa o rio Itapocú, consideravelmente largo, e continuando por uma picada da qual poder-se-ia dizer: Esta estrada não é estrada. Havia sido até agora transitada por muito pouca gente, isto é, pelo engenheiro e trabalhadores que haviam traçado aqui a futura estrada. Eu tenho sido sempre um bom caminhante a pé, tenho suportado bem qualquer fadiga; hoje, porém, já era demais esse constante trepar em tranqueiras, tropeçar, escorregar, caindo aqui, caindo acolá, encharcado de suor e faminto além de tudo. Às quatro horas vislumbrei, para meu grande alívio, uma clareira e um teto, infelizmente porém, não era ainda o que esperava o destino da caminhada de hoje. Havia se localizado aqui, às margens do rio Jaraguá, uma família de negros que oferece pousada ao viandante extenuado, esperanças as mais fagueiras começaram a alimentar a minha imaginação ao sentir um delicioso aroma de carne assada. Quando, porém, deparei um gambá esfolado e dependurado em um varal e convencido que a carne do companheiro chiava na frigideira, preferi sair, acelerando a minha caminhada. A pressa, porém, foi logo barrada, quando me vi na barranca de um rio bem largo e sobre o qual, à guisa de ponte, estava atravessado um tronco de árvore roliço e escorregadio, ante o qual me puz em profunda meditação até tomar a resolução de valer-me dessa ponte natural, arrastando-me de gatinhas sobre a mesma. Às sete horas da noite cheguei felizmente ao meu destino, a choupana de P., que tinha uma pequena venda. Aqui moram húngaros e, de permeio com eles, dez famílias alemãs, aos quais valia a minha visita. Mais do que fatigado, estirei-me sobre uma esteira na frente do tugúrio e tinha ainda três horas de espera até que se aprontasse a minha opulenta ceia: bolo de farinha fritos na banha não são desagradáveis ao sabor, cheirando melhor do que os automóveis que hoje em dia passam trepidantes pela estrada que foi a antiga picada.

O meu hospedeiro reuniu os vizinhos que conseguiu para um ofício religioso, que foi celebrado no único compartimento da choupana e

que, por sinal, era bem acanhado, servindo concomitantemente de venda, bar, quarto de estar e dormitório. Um altar foi improvisado sobre tábuas em cima de dois barris de cachaça e sobre os quais foi estendida uma toalha de rosto. Um outro barril servia de assento na falta de cadeira ou de escabelo. Mesmo com esses apetrechos pouco condignos e mesquinhos, festejamos um feliz natal, por isso que uma grande alegria independente do espaço, além do que o presépio de Belém tinha pouco de condignos e também era mesquinho. Nessa ocasião administrei o batismo a três crianças para o que serviram utensílios também pouco condizentes: uma grande frigideira de pia bastimal. Aquela gente manifesta a profunda gratidão pela oportunidade de assistir a um culto, a primeira vez nos últimos três anos.

Cheio de contentamento, ao meio-dia parti de regresso à casa o que já não me pareceu tão fatigante como a caminhada da véspera. Satisfeito, montei novamente o meu fiel corcel na esperança de chegar em casa sem maiores contra-tempos. Tinha feito meus cálculos sem levar em conta o último dos rios que haveria de passar, o Itapocúzinho que se avolumara por forte temporal de chuvas, formado nas montanhas. Os nossos rios enchem e esvaziam rapidamente modificando os vaus pela grande quantidade de troncos e areias trazidas pelas enxuradas. Mesmo assim atravessei o rio sem maiores impedimentos mas, ao galgar a barranca da margem oposta, o meu cavalo, não encontrando chão firme, ao pisar no lamaçal, tropeçou, caindo de costas nas águas do rio. Como eu tivesse conseguido desmontar a tempo, foi possível á nós ambos, ginete e cavalo, safar-mo-nos da água completamente molhados, mas sem maiores danos. alegres e bem humorados, porque já estávamos regressando á nossa casa e querência. Enquanto tomava eu aquele banho involuntário, encontrava-se no alto da ribanceira uma sociedade de cantores de Joinville, fazendo um piquinique, no local e cantava: "Ich weis nicht, was soll es bedeuten" (Não sei que significado isso tem). Eu, entretanto sabia o significado. Assim, naquele ano celebrei o Natal durante quatro dias, feliz Natal — Natal na Mata virgem.

Os acontecimentos narrados não foram criados por imaginação poética, mas são fatos autênticos que se realizavam na Comunidade de Brüdertal no município de Joinville, Santa Catarina.

Extraído do: *Unsere Väter* (Nossos Pais) do Pastor, Max Heinrich Flcs. Tradução de Walter Lange — Florianópolis.



O engenheiro Odebrecht procede à exploração das terras banhadas pelo rio Itajaí do Norte que, após a República, tomaria o nome de Rio Hercílio, em homenagem ao segundo governador republicano do Estado. Partindo em canoas, desde a confluência desse rio no Itajaí Açu, Odebrecht chegou, vencendo dificuldades sem conta, até a confluência do Rio dos Índios (que também mudaria o nome, com a colonização hanseática, para Rio Krauel). Os terrenos da bacia do Itajaí do Norte faziam parte das terras destinadas à Colonização pelo Dr. Blumenau, as quais, todavia, após a emancipação da Colônia, foram concedidas a Companhia particular.

A SESMARIA DE TOVAR

RUY VIEIRA DA CUNHA

Decreto régio de 24 de maio de 1817 nomeou Governador de Santa Catarina, décimo-quarto a ocupar o pôsto, João Vieira Tovar de Albuquerque, o qual, por ato posterior, foi mandado tomar posse apesar de não haver prestado o juramento de preito e homenagem.

Coronnel do 2º. Corpo de Cavalaria da Divisão dos Voluntários Reais, Tovar se batera em Índia Muerta (1816), onde perdeu um braço, comandando os esquadrões do flanco direito da linha portuguesa nessa decisiva vitória sobre as hostes de Rivera, de modo, a libertar o caminho de Montividéu às forças de Lecor. A ele se refere Monsenhor Pissaro como "excessivo, e mui ativo para o real serviço", do que talvez, aduz, lhe tenham resultado as manifestas inimizades entre os povos.

De Santa Catarina, a 29 de Janeiro de 1821, João Vieira Tovar e Albuquerque, como se assinava, escrevia ao influente Tomaz Antônio de Vilanova Português, pedindo-lhe a poderosa proteção a fim de conseguir a sesmaria que, em requerimento anexo, solicitava a D. João VI. Salientava que a graça pleiteada redundaria não só em vantagens particulares, pois também a Província sobremodo se beneficiaria com o estabelecimento de fazendas para o interior, sendo provável que seu exemplo animasse fundações semelhantes. Se ousava impetrar o beneplácito real para sua pretensões, da qual havia vários precedentes, esclarecia, é porque conhecia o "caráter benfazejo e criador" do válido, além de sempre haver desejado constituir um patrimônio através da agricultura. Tudo isso, finalizava, dava-lhe a certeza de que seria atendido.

A petição enviada a El-Rei pelo Governador catarinense informava que, no Distrito da Vila de Lages (Província da Ilha de Santa Catarina), havia múltiplos campos de criar devolutos e de todo inúteis, desde que invadidos pelos índios bárbaros. A par desse fato, ocorria a vontade do peticionário de dar a Sua Majestade mais uma prova de servidão, já que se encontrava

habilitado para ali construir um estabelecimento de criação de gados e, simultaneamente, catequizar aqueles infelizes, atendendo, assim, os interesses reais e públicos. Com tais fundamentos implorava a D. João, por especial mercê, sem qualquer prejuízo para terceiros, lhe fôsse concedida uma sesmaria de seis léguas de campos, no lugar denominado Curitibanos, em quadrado cuja frente seria o Rio das Canoas, correndo os fundos, em direção Este, sobre campos realengos. Indispensável se tornava para o projetado estabelecimento a extensão pretendida, a qual pressupunha ampliasse El-Rei a lei fixadora do limite das áreas dos terrenos sesmados. Isso se impunha a bem da conservação da terra, eis que apenas com o número de léguas indicado seria possível sustentar a propriedade, de acôrdo com a finalidade criadora visada, obstando-se novos ataques invasores dos silvicolos.

Tal súplica mereceu uma informação favorável, embora não conclusiva. De fato, somente confirmava que a graça pleiteada algumas vêzes fôra outorgada a Governadores, dispensada a vedação de terem sesmaria no âmbito dos respectivos Governos. Decorreria, acaso, da boa vontade do velho Tomaz Antônio? Não o sabemos, mas a verdade é que o pedido de Tovar foi indeferido, saiu excusado, conforme a terminologia administrativa do tempo.

E pouco depois, a 20 de julho de 1821, Tovar passava a governança de Santa Catarina a Tomaz Joaquim Pereira Valente, que a deteria por escassos dez meses.

NOTA — Os documentos aqui citados estão na Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional - Doc. Biog. II, 23, 7.

Rio de Janeiro, maio de 1955.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Orgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 20,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

VICTOR GAERTNER E A COLONIZAÇÃO DO ALTO VALE DO ITAJAÍ

por Walter F. Piazza

O Governo Hercílio Luz fêz, através de sucessivos contratos, uma vantajosa política desenvolvimentista para o Estado de Santa Catarina.

Da mesma forma que agiu, no extremo-oeste com relação a José Rupp e Bertaso, Maia & Cia., pagando em terras a construção de estradas de rodagem, também, com referência ao alto Vale do Itajaí assim o fêz com Luiz Bertoli (sênior) e Victor Gaertner.

Vale, pois, ressaltar o que foi a obra deste último.

Victor Gaertner fêz, inicialmente, a 28 de fevereiro de 1919, um contrato com o Governo do Estado de Santa Catarina, para construção de uma estrada de rodagem da barra do rio Trombudo à povoação de Corisco, no Município de Curitiba, numa extensão aproximada de noventa (90) quilômetros, ao preço de Rs. 5\$000 o metro linear "em terreno de natureza vulgar" e a Rs. 10\$000 o metro em terreno pedregoso ou de rocha, havendo um aumento de 10% (dez por cento) para qualquer eventualidade.

Na forma contratual o Governo do Estado de Santa Catarina se comprometia a pagar-lhe, até Rs. 200\$000 em dividas coloniais, e a restante em terras devolutas, ao preço de Rs. 20\$000 o hectare, as terras próprias para plantação à margem da estrada e á razão de Rs. 15\$000 as terras de fundos e fachinais.

Tal contrato teve um aditamento em 23 de novembro de 1922, em que se alteraram os preços, encontrando-se um preço médio para as terras de Rs. 7\$000 por hectare e da obra a Rs. 8\$000 o metro linear, indistintamente, quanto à classe dos terrenos.

Entrementes Victor Gaertner foi autorizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina a medir 50 (cinquenta) hectares de terras e o fez, nos seguintes lugares:

a) no rio Itajaí do Oeste, com a área de 84.224.332 m², com título expedido pelo Governo de Santa Catarina a 8 de janeiro de 1923;

b) no ribeirão da Fruteira, com a área de 45.986.731 m², com título expedido na mesma data do anterior;

c) no ribeirão Toca Grande, com a área de 193.886.401 m², com título expedido na mesma data do anterior;

d) no rio Itajaí do Oeste, com a área de 140.757.615 m², com título expedido na mesma data do anterior;

e) no rio Itajaí do Oeste, com a área de 32.464.349 m², com o título expedido na mesma data do anterior;

f) no rio da Pombas, com a área de 2.763.962 m², com o título expedido na mesma data do anterior;

g) no rio Itajaí do Oeste, com a área de 932.724 m², com o título expedido na mesma data do anterior;

h) no rio Amoadó, com a área de 161.986 m², com o título expedido a 24 de março de 1926;

i) nos fundos do rio Itajaí do Oeste, com a área de 13.986.900 m², com o título expedido na mesma data do anterior;

j) também, nos fundos do rio Itajaí do Oeste, com a área de 5.647.680 m², com o título expedido na mesma data do anterior;

l) também, ainda, nos fundos do rio Itajaí do Oeste, com a área de 3.443.900 m², com o título expedido na mesma data do anterior;

m) no rio Pombinhas, com a área de 15.906.978 m², com o título expedido na mesma data do anterior; e, ainda:

n) no rio das Pombas, com a área de 322.645 m², com o título expedido a 18 de fevereiro de 1921.

Isto, excetuando, o último item englobou 539.144.660 m², no valor contratual de Rs. 377:401\$250.

Concluiu Victor Gaertner cinquenta (50) quilômetros da estrada e tornou-se, assim, credor do Governo do Estado de Santa Catarina da importância de Rs. 400:000\$000,

Para ressarcir-se desta importância mediu, na seguinte ordem, as glebas, caracterizando-as:

a) terreno situado na margem direita do rio Itajaí do Oeste, entre lotes do rio das Pombas, 1^a secção, Pombinhas, Estrada do Pinhalzinho, terras de G. Salinger & Cia., Taió, Oswaldo Odebrecht e linha do ribeirão Sumidor: 140.757.615 m²;

b) terreno situado nos fundos dos lotes da margem esquerda do rio Itajaí do Oeste entre as linhas ribeirão Laurentino e ribeirão da Toca Grande: 84.224.332 m²;

c) terreno situado entre a estrada de cargueiros Blumenau-Curitiba e lotes da linha rio das Pombas, margem direita, 1^a secção: 2.763.962,5 m²;

d) terreno situado entre os travessões da linha ribeirão da Toca Grande e o ribeirão Grande fazendo frente em parte com o rio Itajaí do Oeste e com os travessões dos lotes coloniais da margem esquerda do dito rio: 192.886.401 m²;

e) terreno situado entre a estrada de Blumenau-Curitiba, rio das Pombas, rio Itajaí do Oeste, ribeirão da Fruteira, ribeirão Caçador e terras de Paschoal Simone: 45.986.731,5 m²;

f) terreno situado entre lotes da margem direita do rio Itajaí do Oeste, travessão das terras de G. Salinger & Cia. e terras de concessão: 32.464.349 m²;

g) terreno situado na margem esquerda do rio Itajaí do Oeste, 2^a secção, entre os lotes n^{os} 48 e 58: 932.724 m².

Totalizando 50.001 hectares e 6.115,5 m².

De outra parte, limitava-se com a Fazenda "São Jacob", que José Rauen, José Goetten e outros obtiveram, em 1892, por requerimento ao então Juiz Comissário de Terras do Município de Curitiba.

Com a morte de Victor Gaertner, cujo inventário foi homologado por sentença de 4 de outubro de 1926, sua viúva, Sra. Irma Gaertner,

transferiu à Cia. Salinger as terras assim descritas, em escritura pública de compra e venda, datada de 25 de setembro de 1929: "terras de cultura, situadas na zona do rio do Oeste, neste Município (então Município de Blumenau), de ambas as margens e na estrada geral de Blumenau para Curitiba, e confluente do Rio do Oeste, a saber: na margem direita, Ribeirão da Fruteira, Ribeirão do Angico, Ribeirão São Bernardo, Rio das Pombas, Ribeirão da Herva e fundos, de ambos os lados do Rio Taió, Ribeirão Woelfer e Ribeirão da Paleta; e na margem esquerda, Ribeirão Laurentino e fundos, Ribeirão do Café Alto, Ribeirão Moratelli, Ribeirão Pizetta, Ribeirão do Amoadado, Ribeirão do Bugio e Ribeirão Pequeno".

Como se viu este foi mais um pioneiro no desenvolvimento do alto Vale do Itajaí.



DOM PEDRO II

O Imperador Magnânimo

A dois de dezembro de 1825, no Palácio Imperial do Brasil, nascia Dom Pedro, segundo Imperador do Brasil. Na pia batismal, recebeu os nomes de: Dom Pedro II de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Xavier de Paula Miguel Gabriel Raphael Gonzaga. De parte do pai, um Bragança e Bourbon, por parte da mãe, um Habsburgo. Apeado do governo em novembro de 1889, seguiu com toda a sua família e alguns amigos íntimos para Paris, deixando para a posteridade a seguinte lembrança:

INGRATOS

*Não maldigo o rigor da iníqua sorte,
Por mais atroz que fosse e sem piedade,
Arrancando-me o trono e a majestade,
Quando a dois passos só estou da morte.*

*Do jogo das paixões minha alma sorte,
Conhece bem a estulta variedade,
Que hoje nos dá contínua flicidade
E amanhã - nem um bem que nos conforte.*

*Mas a dor que escrucia e que maltrata,
A dor cruel que o ânimo deplora,
Que fere o coração e pronto mata,
É ver na mão cuspir à extrema hora
A mesma boca adúladora e ingrata
Que tantos beijos nela pôs outrora.*

D. Pedro II

Órfão de mãe com um ano de idade, aos cinco anos, foi proclamado Imperador do Brasil. Foi amigo do Dr. Hermann Otto Blumenau a quem ajudou sobremaneira no desenvolvimento da colônia de Blumenau, tendo por várias vezes auxiliado financeiramente o fundador da colônia em quem via um homem probo e honesto, verdadeiro idealista na verdadeira acepção da palavra.

Antonio de Menezes Vasconcellos de Drumond

Estampamos no presente número, uma fotografia, pouco conhecida, do Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drumond.

«Nasceu no Rio de Janeiro em 21 de maio de 1794. Aos 15 anos terminara os seus estudos literários e conhecia a fundo a doutrina do célebre Smith, o mestre da Economia e Política. Conhecia Kant e outros filósofos e falava quatro línguas vivas»...

«Em 1810, portanto aos 16 anos, Dom João VI conferia-lhe o hábito de Cristo»...

Quando o primeiro grito de liberdade se fez ouvir na Província de Pernambuco, ele foi denunciado ao Rei Dom João VI, como pertencente a um dos clubes, de onde partira a centelha revolucionária».

Entretanto, o governo entendeu de afastá-lo da capital e uma espécie de licença, acompanhada de cartas especiais de recomendação, fê-lo partir para a Ilha de Santa Catarina.

Ficou este meses sob vistas do governador da Província. De regresso à Capital, ele apresentou ao ministro Vila Nova Portugal, os seus vastos planos de melhoramentos e foi imediatamente despachado para pô-lo em execução».

Em Itajaí, construiu uma sumaca, denominada São Domingos Lourenço, que foi a primeira embarcação daquele lote, que passou a barra do rio Itajaí, carregada de feijão, milho e tabuado, que se dirigiu ao Rio de Janeiro.

Faleceu Antonio de Menezes Vasconcellos de Drumond no Rio de Janeiro, no ano de 1865, com 71 anos de idade.



O Benemérito Diplomata Conselheiro
Antonio de Menezes Vasconcellos de Drumond

O Misticismo Religioso e o Contestado

C. GAERTNER

Desde o seu início, o movimento conhecido como "Campanha do Contestado" teve suas causas mal definidas. Misticismo religioso? Politicagem dos coronéis? E aqui se circunscreveria o campo das causas, não fosse a intervenção maneirista da policia catarinense, seguida da intervenção violenta da policia do Paraná que levou João Gualberto ao Panteon e deu a José Maria uma corôa de martir. — Na sua segunda fase, um ano mais tarde, houve a precipitada intervenção das forças federais e dos vaqueanos, transformando o movimento que passou a receber adesões de elementos desejosos de aproveitarem-se dele para a consecução dos seus fins, sendo então desfraldadas as bandeiras da "questão de limites", do "nativismo" e do "esbulho de terras".

Entre os contemporâneos da campanha, está em primeiro plano o General Setembrino de Carvalho, comandante em chefe das operações que debelaram o movimento. Disse ele: — "As causas determinantes da sublevação sertaneja ao sul do Paraná e, mais tarde, no interior de Santa Catarina, são, ainda agora, objeto de puras conjeturas. Da religiosidade primitiva daquelas gentes à questão de limites entre os dois Estados, tudo há servido para explicar os desmandos cometidos. Mas é certo que, entre tantos motivos invocados, o verdadeiro pretexto está na politicagem, que separa por interesses opostos os cabos eleitorais de tais sertões." (Relatório, 1916).

A questão de limites já foi posta de lado pelos estudiosos. Um número deles concluíram que o movimento se originou como "reação nativista dos camponeses privados das terras concedidas a estrangeiros pelo governo, no início do século."

Em 1912 ainda não eclodira a primeira Guerra Mundial e as ideias socialistas estavam incubadas no mundo da teoria. Mesmo que assim não fosse, essas ideias não teriam meios físicos nem força psíquica para penetrar nos sertões do planalto catarinense, de população rarefeita, onde vivia o nosso caboclo analfabeto, simples e ingênuo protagonista dos acontecimentos. — Para que existisse um objetivo subjacente a extravagante ideia religiosa, parece-nos teria sido mistério a alfabetização, que não havia, e a doutrinação nem sequer imaginada. O proprio conjunto das crenças religiosas do sertanejo resignava-o ao *locus-naturalis* que ocupava, "porque essa era a vontade de Deus".

x x x

É difícil à geração atual admitir que unicamente o sentimento religioso, distorcido pela ignorância, fosse a causa eficiente dos ajuntamentos ao redor de um monge. Faltando médicos, farmácias e hospitais, as naturais necessidades de saúde faziam com que os sertanejos procurassem os curadores, benzedores e os monges leigos ou eremitas. A fama de um

curador corria longes terras com as histórias lendárias das suas curas miraculosas e a notícia das suas pregações fatiloquentes. Assim aconteceu com Giuseppe Maria D'Agostini, eremita italiano, talvez sacerdote suspenso de ordens, que percorreu o sertão até 1870, e com Anastasis Marcaf, ao que se supõe levantino, que peregrinou pelos sertões do Paraná e Santa Catarina entre 1895 e 1898. Este último foi que teve o maior contato com a população planaltina daquela geração. Era conhecido por João Maria de Jesus ou, *tout-court*, São João Maria. Era esperada a sua passagem para consultas de saúde, para o batismo das crianças, para a tomada de conselhos e para escutarem-lhe as prédicas e profecias. Não é de extranhar que o eremita batizasse. Na falta efetiva de sacerdotes, os padrinhos procediam ao batismo caseiro das crianças. Todos os batizados por João Maria tornavam-se, assim, seus afilhados e os pais tornavam-se seus compadres. E o compadrio era, naquela época, um forte laço de parentesco espiritual. Ai daquele que tivesse praga de padrinho!

Devemos lembrar que as nossas populações interioranas, ignorantes, sem efetiva assistência escolar e religiosa, transformaram a sua religião de batismo numa religião *sui-generis*, politeísta, onde cada santo católico substituiu um dos deuses menores do paganismo, aos quais se rogavam favores com promessas. Para o sertanejo o Céu estava cheio de Nossas Senhoras de todos os matizes, cada qual mais milagrosa do que a outra. Nada se pedia diretamente a Nosso Senhor, mas por intermédio de sua Santa Mãe, a Virgem Maria, porque o bom filho não pode deixar de satisfazer um pedido materno. As almas também eram cultuadas e a elas se orava, pedindo favores e prometendo velas.

Para melhor compreendermos esse feito psicológico, é preciso colocar-nos em lugar do humilde caboclo daquela época, imaginar que somos analfabetos, que não há livros, nem jornais, nem rádios, nem televisores e que a máxima sabedoria consiste em ler soletrado, em escrever garranheado e no fazer as contas mais de cabeça do que de lapis. É preciso que toda a nossa ciência se resuma no empirismo das aparências, onde o Sol, pouco maior que um prato, gira ao redor de uma Terra plana, e em que os luminares e as estrelas foram colocados no céu para nossa satisfação, iluminando os nossos dias e embelezando as nossas noites. — Lá em cima, além das nuvens, está o Céu onde moram Deus Nosso Senhor, os Anjos, os Santos e as Almas boas, para onde queremos ir também, o mais tarde que for possível. — E lá em baixo, no profundo dos abismos, está o Inferno com o seu fogo e os caldeirões de enxofre derretido, onde o Coisa-Ruim reside com todos os capetas, desafiando o bem Deus numa luta sem tréguas pela conquista dos homens, procurando perdê-los para arrebanhar-lhes as almas. Nunca se deve pronunciar o nome dele, para não atraí-lo. É por isso que o tratam de Diacho, Dianho ou Coisa Ruim.

Acreditavam no lobisomem, no boitatá, no Negrinho do Pastoreio, na mula-sem-cabeça, no mau olhado ou quebranto, no feitiço, nos benzimentos, nas simpatias, nos resposos, nas orações fortes e nas visagens, isto é, visões ou aparições do outro mundo. — Deus fez o mundo em seis dias e, tendo cansado, descansou no domingo. Por isso é pecado trabalhar nesse dia. — Adão foi feito de barro e Eva, de uma costela de Adão. — Mas os homens tornaram-se pecadores e Deus mandou o Dilúvio

para exterminá-los, mas arrependeu-se e mandou o Arco-da-Velha. Como, entretanto, continuassem em pecado, mandou seu Filho Unico para salvá-los. Houve homens que acreditaram nele, como os Doze Apostolos. Multidões seguiram-no para ouvirem seus conselhos, serem batizados e curados, e eram alimentados com os pães multiplicados e com a água virada em vinho por milagre. — Nosso Senhor andou pelo mundo ensinando, curando os doentes e ressuscitando os mortos. Mas foi perseguido pelos homens maus, foi traído por Judas, foi judiado, crucificado, morto e sepultado, mas ressuscitou e subiu ao Céu para contar a seu Pai como os homens são judeus, e prometeu voltar no Dia do Juízo para mandar os homens maus para os quintos e salvar aqueles que rezam, fazem penitência e cumprem com a lei de Deus.

Os raros sacerdotes alemães que apareciam nos seus tugúrios e nos seus arraiais não os compreendiam — eram sectários e não psicólogos. Procuravam aumentar-lhes o terror do Inferno, magnificando o malefício do pecado, causa de todas as nossas infelicidades, e da maior de todas — a perda da nossa alma. Concitavam os sertanejos a se conformarem com a sua posição no mundo, pois foi Deus que assim deixou e nada acontece sem Deus querer; os que sofrem nesta vida serão felizes numa vida futura; e é mais facil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino do Céu. E expressões como essas — Reino do Céu, Nossa Senhora Rainha do Céu, Corôa do Céu, Cristo Rei — e outras semelhantes, usadas nas ladainhas e litanias, sugeriam a existência de uma Monarquia Celeste, pelo que aqui na Terra também deve haver um Rei, como Carlos Magno, pois esse é o sistema do Céu. Embora não entendessem muito bem, sabiam que no patacão, no cacholeiro e no 960 estava gravada a Coroa do Imperio que o Hermes derrubara.

x x x

Os sertanejos daqueles tempos, separados do contato civilizador dos ainda pequenos centros urbanos, tinham a mente aberta para o sobrenatural, pois que, tudo ignorando, tudo lhes parecia maravilhoso. Observa Renan: — “Nas partes mais ortodoxas do cristianismo, passava o sobrenatural por uma coisa muito simples.” (Marco Aurélio: 142). Essa disposição psicológica parece estabelecer circunstâncias favoráveis ao surto espontâneo dos fenômenos parapsicológicos, como acontecia com os cristãos dos primeiros séculos. Assim é que tinham (e ainda têm) visões, prisões, intuições, telepatias, psicofonias, sendo bem sucedidos nos benzimentos, simpatias, rbdomâncias e resposos. Naturalmente nem todos eram, como se diz, “dotados”, mas todos acreditavam piamente nesses fenômenos para os quais tinham uma vaga e confusa compreensão animista, pois “não é possível trovejar sem que haja um Trovejador”.

Os pregadores alemães aumentavam-lhes a facil credence com as legendas douradas do Flos-Sanctorum, razão pela qual aceitavam como reais os contos épicos dos Doze Pares de França, qual o de Oliveiros, com a sua invencível durindana, derrotando o gigante sarraceno Ferrabraz de Alexandrina. Davi fizera o mesmo com Golias. E nas virgens dos redutos viam, certamente, a imagem de Floripa da canção de gesta francesa.

O nosso fecundo e erudito historiador Oswaldo Cabral, referindo-se aos sentimentos religiosos do planaltino de há sessenta anos, diz: —

“Em verdade a zona era pobre de sacerdotes, como o era de escolas, de policiamento e de justiça, sendo indigente em matéria de economia privada.” E mais adiante: — “...Era uma zona, na brutalidade da sua cultura recuada, mais proxima da do aborigene do que da do civilizado”. (João Maria: 341).

Diz-nos Rui Facó: — “A única forma de consciência do mundo, da natureza, da sociedade, da vida, que possuíam as populações interioranas, era dada pela religião ou por seitas nascidas nas proprias comunidades rurais, variantes do catolicismo.” (Cangaceiros: 17)

Se conseguirmos mentalmente restabelecer a ambiência do sertão de há sessenta anos, não será custoso compreender a facilidade com que José Maria arrastava as multidões. A uns proporcionava, pela sugestão inconsciente, a cura maravilhosa dos seus males; a outros, pela crença ou por sectarismo politico, falava da Monarquia; a todos pregava o fim do mundo, os castigos que viriam a necessidade da oração e da penitência e a certeza de que se salvariam todos que o seguissem. — E de tal modo Miguel Lucena (José Maria) entusiasmou-se com a facilidade do seu proselitismo, orgulhando-se por ter abalado o sossego dos poderosos e ricos “coronéis” e perturbado a cúpula governamental de dois Estados, que nos é lícito supor ter-se julgado um predestinado. Renan ampara a suposição: — “Certos espiritos simples e exaltados imaginam ser chamados para realizar os prodígios da inspiração individual, fora das cadeias já pesadas da Igreja e do episcopado.” (Marco Aurélio: 141)

José Maria teve a precognição da sua morte. Assumiu o comando no combate do Irani e nele pereceu, não sem antes ter deixado a bomba de tempo que explodiria daquela data a um ano, provando a sua influência ainda maior depois de morto: — “Se eu morrer, ressuscitarei e trarei forças da Cavalaria do Céu para matar todos os peludos e todos os que não forem da lei da Monarquia; os irmãos que morrerem ressuscitarão e poderão brigar com dez soldados da República e hão de vencer.” (ASSUMPCÃO. Campanha. Vol. I: 225 — Depoimento Antonio Ferreira dos Santos).

Absurdo? Sim, absurdo para nós. Mas assim não parecia àqueles cérebros primitivos mais proximos do aborigene do que do civilizado.

x x x

Os quiliastas ou milenaristas, baseados na Bíblia, previam o fim do mundo presente e o início de uma era de grande felicidade para todos, com o acorrentamento de Satanás e o reinado messianico de Cristo e dos Santos durante mil anos. Essas ideias levavam ao martírio, ao celibato e ao profetismo. Tiveram sua gênese no profeta Daniel, capítulo X e no Sermão Profético de Jesus.

Se os evangelistas bem traduziram suas palavras, Jesus esperava o fim do mundo ainda para a sua geração, conforme Mateus XXIV:29, Marcos XIV:30 e e Lucas XXI:30.

Papias, São Justino, Santo Inácio, Santo Ireneu, São Policarpo, Tertuliano e Lactancio eram milenaristas e julgavam estar vivendo os ultimos dias do mundo. Combatido por Origenes, o milenarismo perdeu sua força no IV século. Mas Hipolito datou a vinda de Cristo para o ano 500. A cristandade esperou-a no ano 1000. Foi também esperada em

1260, 1367, 1660, 1700, 1715 e 1734. O Mormonismo (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) fundado por Joseph Smith em 1826, tem como artigo de fé o reinado de Cristo durante mil anos. Salt Lake City foi fundada para ser o núcleo da Nova Jerusalém. E tudo foi baseado nas afirmações bíblicas, como em Apocalipse, capítulos XX e XXI.

Mas, na América, o apóstolo do milenarismo foi o camponês William Miller, que não pregou apenas nas aldeias mas também nas grandes cidades americanas após ter recebido uma "ordem psicofônica". Suas prédicas eletrizaram os crentes pois coincidiram com o famoso fenômeno da "chuva de estrelas" de 13 de novembro de 1833. Miller, após cálculos, marcou o dia 3 de abril de 1843 como data do fim do mundo. Coincidiu com o aparecimento de um grande cometa, fato que agiu poderosamente sobre a exaltada imaginação dos crentes, acontecendo que alguns, já predispostos enloqueceram. Mas o dia passou sem novidade, justificando o erro de cálculo, marcou nova data: 21 de março de 1844. - Milhares de pessoas, vestidas de branco, passaram a noite nos montes ou nos telhados das residências, cumprindo a disposição dos versículos 16 e 17 do capítulo XXIV de Mateus, aguardando que as trombetas celestes anunciassem a magestosa vinda de Cristo em toda a sua glória para apartar os bons e iniciar a era do milênio. Tinham abandonado todos os seus negócios e interesses e muitos tinham feito presente de os seus bens. Mas o dia passou sem o acontecimento. Miller foi abandonado e pouco depois morreu. Mas o milenarismo não morreu, entrou em recesso. Ainda hoje se diz entre os simples "Passou de 1000, mas de 2000 não passará". (CH. POTTER. História das Religiões).

x x x

Como estranhar que os nossos sertanejos, simples e ingênuos, tivessem acompanhado o monge leigo que lhes anunciava o fim do mundo proximo, dias de treva e de horror, castigos e sofrimentos, a vinda do Exército Celeste, o castigo dos maus e a gloria daqueles que o acompanharam para a Nova Jerusalém construída sobre as ruínas da vila de Curitiba?

Como achar impossível que eles, no extase de uma alucinação mística coletiva, olhassem para as nuvens do céu e vissem nelas o galopar da Cavalaria de São Jorge e o desfilar da Infantaria de São Sebastião?

Renan, referindo-se aos milenaristas dos primeiros séculos, disse: — "Todos os dias se viam nuvens abrir-se e a Nova Jerusalém desenhar-se no azul do céu." (Marco Aurelio: 149)

A Guerra de São Sebastião, citada pelos escritores da campanha, era a guerra celeste para o acorrentamento de Saianás e eliminação dos maus, numa revivescência da Épica Cristã, na luta do Principio do Bem contra o Principio do Mal, por fim vencido.

Satanás, como viam nas litografias representando a tentação dos santos, era pintado com chifres, barba de bôde, pés caprinos, muito peludo, com longo rabo e azas de morcego. Por essa razão os companheiros do Coisa-Ruim, os inimigos de São Jorge, de São Sebastião, de São João Maria, de São José Maria e da Coroa do Céu eram denominados "peludos".

O fato introverso é que os sertanejos abandonam ranchos, terras, teres e haveres, sem olhar para traz, afim de seguirem o caminho que lhes indicara aquele que julgavam ser o irmão do bom profeta João Maria, o asceta que passou curando, batizando, aconselhando-os nas suas perplexidades, concitando-os à oração e penitência, profetizando, esquecidos. entretanto, de que João Maria não permitia que o seguissem, nem permitia ajuntamentos, por entender que "O homem é bom, mas os homens são maus".



Para os Nossos Pequenos

O Menino Jesus

A. CARDOSO

No calendário lemos o dia 24 de dezembro.

Miguel e Lúcia apertam o nariz contra as vidraças da janela, pois queriam ver, pelo menos uma vez, assim bem de perto, o Menino Jesus.

As crianças estão à escuta e quase sem aiento... Ali, isto não são pessoas? O coração de Lúcia bate acelerado e Miguel vai cuidadosamente à porta. Mas lá fora não está o Menino Jesus. É um velho mendigo que estende as suas mãos, pedindo uma esmola. Com certa demora, Miguel entregou-lhe uma moeda, depois outra e mais outra, até que a sua pequena economia terminou. O mendigo murmurou um curto agradecimento e foi andando.

As crianças estão novamente a esperar. "Escute", falou baixinho a Lúcia, apertando o dedo sobre a boca. Ouviram novamente passos e acreditavam, firmemente, que desta vez deveria ser o Menino Jesus. Mas, não. Uma velha, corcunda, pede entrada na casa para descansar. As crianças estão numa grande dúvida; não sabem se é certo deixar entrar a mulher estranha na casa, pois a mãe não gosta disso quando ela não está em casa. A senhora, que parecia enferma, continuou a pedir e assim abriram-lhe a porta de sua minúscula moradia. Perguntou então por comida, pois estava com fome. As duas crianças se entreolharam e então buscaram o pão que havia em casa e dividem o mesmo com a velha, que rapidamente desapareceu, ninguém sabia como.

Os dois não desistem de esperar.

Lá, não vem alguém? Mas, também desta vez, não é o Menino Jesus. Lá fora se encontra uma criança chorando, que perdeu sua mãe e não pode achar o caminho para a sua casa. Miguel consola a pequena da melhor maneira possível e Lúcia busca, um tanto triste, sua única

boneca e a entrega como presente à menina infeliz. As lágrimas desta secaram e no rosto corado pelo choro, apareceu o sorriso da alegria. Mas quando Miguel quis saber de onde ela veio e como se chamava, ali a pequena sumiu juntamente com a boneca, como se a terra as tivesse engolido.

Ficou noite e as crianças desistiram de esperar. Um tanto triste, Miguel vai para o fogão e deita lenha sobre as brasas e Lúcia, decepcionada, deixa aquecer no fogão a sopa que ainda lhes restava na panela.

Os passos que agora se aproximam são com toda a certeza os da mãe que volta da vila.

Já se abre a porta, mas tudo está repentinamente tão diferente! Um suave perfume passa pela casa. Bem de longe se ouve o aleluia cantado em muitas vozes e numa claridade intensa apareceu na porta o Menino Jesus que com deliciosa voz assim falou:

*“Já três vezes estive hoje aqui
Mas não me conhecestes - percebi.
Fui o homem velho que como mendigo
Veio e atendeste logo o seu pedido.
Fui a mulher que acolheste muito bem
Dando alimentos e casa também.
Fui a criança que aqui veio e chorou
Vossa atitude muito me alegrou.
Por isso trago lá das estrelinhas
A benção para vós criancianhas.
Serei em vossos caminhos boa luz
Que para o Pai Celeste vos conduz.”*

E, antes que acabassem de soar as últimas palavras, parou um carro na frente da casa e anjos descarregaram brinquedos, gulodices para o Natal e um lindo pinheirinho como Miguel, Lúcia e a mãe, que acabou de chegar, nunca viram.



BLUMENAU EM CADERNOS é composto e impresso nas Oficinas da
Fundação “CASA DR. BLUMENAU”

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim (*Um Estudo de Desenvolvimento Econômico*), de Giralda Seyferth - Editora Movimento - 1974.

Este livro faz parte da coleção "Documentos Brasileiros", constituindo-se no volume 5 da citada coleção, e foi editado em homenagem ao Sesquicentenário da Imigração Alemã.

A autora, Giralda Seyferth, começa por abordar a Alemanha do Século 19 e a migração do povo alemão para o Brasil. Em seguida, a obra analisa o povoamento do Vale do Itajaí Mirim, de onde surgiram vários núcleos, entre eles o mais importante: a atual cidade de Brusque. Como escreve a autora, desde 1873 "a vila de Brusque era o mundo dos camponeses estabelecidos na região. Era o local onde estavam as vendas, as capelas católica e protestante, o cemitério, as escolas, a sociedade dos atiradores, a administração da colônia, o ancoradouro. Era para ela que convergiam os caminhos coloniais mais importantes; era onde os imigrantes recém-chegados ficavam aguardando a posse dos seus lotes e davam informações e notícias da Alemanha. Talvez por isso não era chamada de DORF (aldeia), mas sim de STADTPLATZ (de Stadt - cidade, e Platz - lugar): a vida social econômica e religiosa dos colonos estava estreitamente vinculada a ela - principalmente a vida econômica. A vila era ao mesmo tempo aldeia e cidade".

Segundo Voltaire Schilling, que faz a apresentação deste livro Giralda Seyferth é uma verdadeira pesquisadora. não se deixando levar pelos trabalhos laudatórios, "tão ao gosto do academicismo rançoso, preocupado mais com elogios do que em apurar a verdade", pois a autora mostra o alto nível a que estão chegando as ciências sociais e a pesquisa histórica no País.

Salvamento e Prevenção Contra Incêndios — do Cap. Francisco Isidoro Ferreira Júnior, edição do autor, 1974.

Esta obra não só é didática como de grande utilidade para todos aqueles que, de uma forma ou de outra, possam se ver envolvidos em um incêndio. E quem de nós está livre de tal pesadelo?

Por isso recomenda-se o livro aos que desejam melhorar os seus conhecimentos sobre a matéria. O Capitão Isidoro Ferreira Júnior, pela larga folha de serviços prestados à Polícia Militar de Santa Catarina, dispôs-se a editar um livro de leitura fácil e de conteúdo importante.

Encontramos capítulos dedicados a prestar recomendações às donas de casa, aos fumantes, aos síndicos e aos zeladores. A página 19 deparamos com a ultimíssima informação que reproduzimos: "não deixe

as crianças sós quando sair, pois se irromper um incêndio bastará a fumaça para matá-la". E um conselho de grande importância é dado pelo autor: "não deixe o televisor ligado por tempo muito longe. Inúmeros incendios tem ocorrido por aquecimento excessivo deste aparelho."

No livro encontramos, ainda, conselhos sobre como prestar socorros de emergência, como evitar o pânico em casos de incêndios, etc.

Vale a pena ler e guardar.

Taquigrafia — Método Jenair — Edição Müller - Florianópolis - SC

A professora Jenair Vicentini Müller lança, já em 3ª. edição, este livro didático, dirigido áqueles que desejam aprender, de uma forma simples e prática, a rendosa profissão de taquígrafo.

Como diretora do curso de taquigrafia Santa Catarina, da capital, Jenair V. Müller tem condições de transmitir, a pleno contento, o seu método de ensino, mesmo através do livro.

A obra define o que é a taquigrafia; apresenta suas vantagens e faz um breve histórico sobre a arte de escrever por sinais. Ficamos sabendo, por exemplo, que no Brasil foi José Bonifácio que criou a primeira Cadeira de Taquigrafia.

Em seguida, o livro transmite a parte teórica e finaliza com instruções aos professores e alunos, exortando-os a aproveitarem as amplas oportunidades que sempre surgem para aqueles que dominam esta difícil arte.



Cônego Raulino Reitz, Cidadão Carioca

Em cerimônia prestada no Gabinete de trabalho do Diretor, no Jardim Botânico, o Deputado Estadual Dr. Mac Dowell Leite de Castro, entregou o Título de Cidadão do Estado da Guanabara ao Cônego Dr. Raulino Reitz, diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, outorgada pela Resolução nº 1287/73 da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara.

Após as palavras do Deputado Mac Dowell e do Dr. Luiz Edmundo Paes, Vice-Diretor do Jardim Botânico Padre Reitz proferiu as palavras seguintes:

Exmo. Sr, Deputado Mac Dowell Leite de Castro.
Prezados Convidados.

É uma honra para mim ver reunidos neste Gabinete de trabalho meus companheiros de luta e um ilustre representante da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, Dr, Mac Dowell Leite de Castro. A presença

do querido parlamentar é para me entregar o honroso título de Cidadão do Estado da Guanabara. Recebo este diploma com humildade e alegria.

O que importa na vida não é ser, nem ter, nem poder. O que importa é fazer, realizar em proveito da Comunidade. É o que venho fazendo neste Jardim Botânico por incumbência do Sr. Presidente do IBDF e a decidida colaboração de todos os funcionários, especialmente dos Assesores e Chefes de Seções e Setores. O Jardim Botânico está reformado, lindo e aprazível. Tudo o que foi feito se resume em absoluta dedicação minha e de todos os funcionários com apóio do Dr. Paulo Berutti, Presidente do IBDF.

Há 20 anos vim a esta Cidade Maravilhosa para conhecer e apreciar sua inegalável beleza. Hoje como Cidadão da Cidade, tenho o privilégio de colaborar no embelezamento do recante mais lindo da Guanabara, que é, sem dúvida, este Jardim, no sentido de apresentá-lo cada vez mais bem tratado, sob minha administração, em três anos triplicou a visitação do Jardim Botânico, passando de 100.00 visitantes anuais para mais de 300.000. Tal aumento considero o melhor atestado de apoio dos cariocas e dos visitantes em geral à esta administração.

Aqui peço vênica para abrir um parêntese sobre a avaliação da grandeza e beleza do nosso Jardim Botânico no conceito universal. Acabo de receber o livro "Os maiores jardins botânicos do mundo" (1969) da autoria de Edward Hyams. Na introdução, de Sir George Taylor, diretor dos jardins Reais de Kew, Inglaterra, afirma ser o Jardim Botânico de Kirstenbosch, na África do Sul o mais grandioso de todos devido a sua inegalável situação topográfica entre uma bela cadeia de montanhas e uma rica vegetação. Em segundo lugar, continua Sir Taylor, vem o Jardim Botânico do Rio de Janeiro igualmente rodeado de linda serra. Pessoalmente raciocino do seguinte modo: Como o nosso Jardim é tropical, sua vegetação e plantas cultivadas são mais grandiosas que as do Jardim Botânico de Kirstenbosch. Concluo ser o nosso Jardim Botânico o de maior grandeza e apresentação no mundo.

Senhor Deputado Mac Dowell. Manifesto, minha profunda gratidão pelo seu empenho na concessão deste honroso diploma, que muito prezo, e rogo transmitir este meu sentimento a seus pares na próxima sessão da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara. Meu agradecimento pela presença nesta cerimônia de tantos amigos e colaboradores que também se sentem homenageados.

Transcrito da "Pastoral de Conjunto" (outubro 1974)

As Enchentes no Vale do Itajaí

J. FERREIRA DA SILVA

- IV -

O egipciano irmão além divisa....
Vê dele a inundação que fertiliza
E a terra sobreleva!....
Horível espetáculo se oferece
Então aos tristes incolas! Parece
O globo liquefeito!
Veloz conduz no dorso a correnteza
Tudo quanto a benigna natureza
Ali houvera feito!.....
Nas ruidosas águas, qual falua,
Do inditoso colono além flutua
A cara habitação!
Já perdido tem ele o manso gado...
E o tesouro que a terra lhe há dado
Destroe a inundação!
Agora enegreceram tristes cores
O lutuoso quadro de amargores
Difícil de Pintar!
Do imortal Alencar a ilustre pena
Esta tão aflita em esta cena
Só poderá narrar
Ao longo se destaca no horizonte
Um volume, que indica ser do monte
Desprendido do torrão...
Sobre o dorso caudal ei-lo vogando
Aí vejo dois entes definhando
Em penosa aflição!
Aqui ora flutua frágil berço,
Cujo dono talvez já esteja imerso
No seio da corrente
Mas... não! escolheu Deus aquele asilo
Para nele salvar, como no Nilo
Um gentio inocente!...

E aqueles, que no vórtice das águas
Se debatem além entre mil máguas
 Dos dias são-lhes autores
Deles ontem gozou ainda as ternuras
E, tão tenro, já trava hoje as agruras
 Do cálice das dores!....
Tal é do Itajaí o caso triste,
Onde a pobreza agora só existe,
 O pranto, o assolamento...
A obra em tanto tempo levantada
De todo destruída, aniquilada....
 Foi um breve momento!....

1885

A 19 de abril de 1885, pequena enchente que alcançou 7 metros acima do normal. Os muitos engenhos e moinhos de milho, onde a população se provia de fubá para o geralmente consumido pão de milho, ficaram paralizados, causando apreensão aos colonos. Os jornais aconselhavam à população, em substituição do milho, o consumo do aipim e outros tubérculos. O mês de julho foi todo de muita chuva (1).

1886

Em novembro houve uma enchente. O rio ultrapassou as margens. Ignoramos outros detalhes (2).

1888

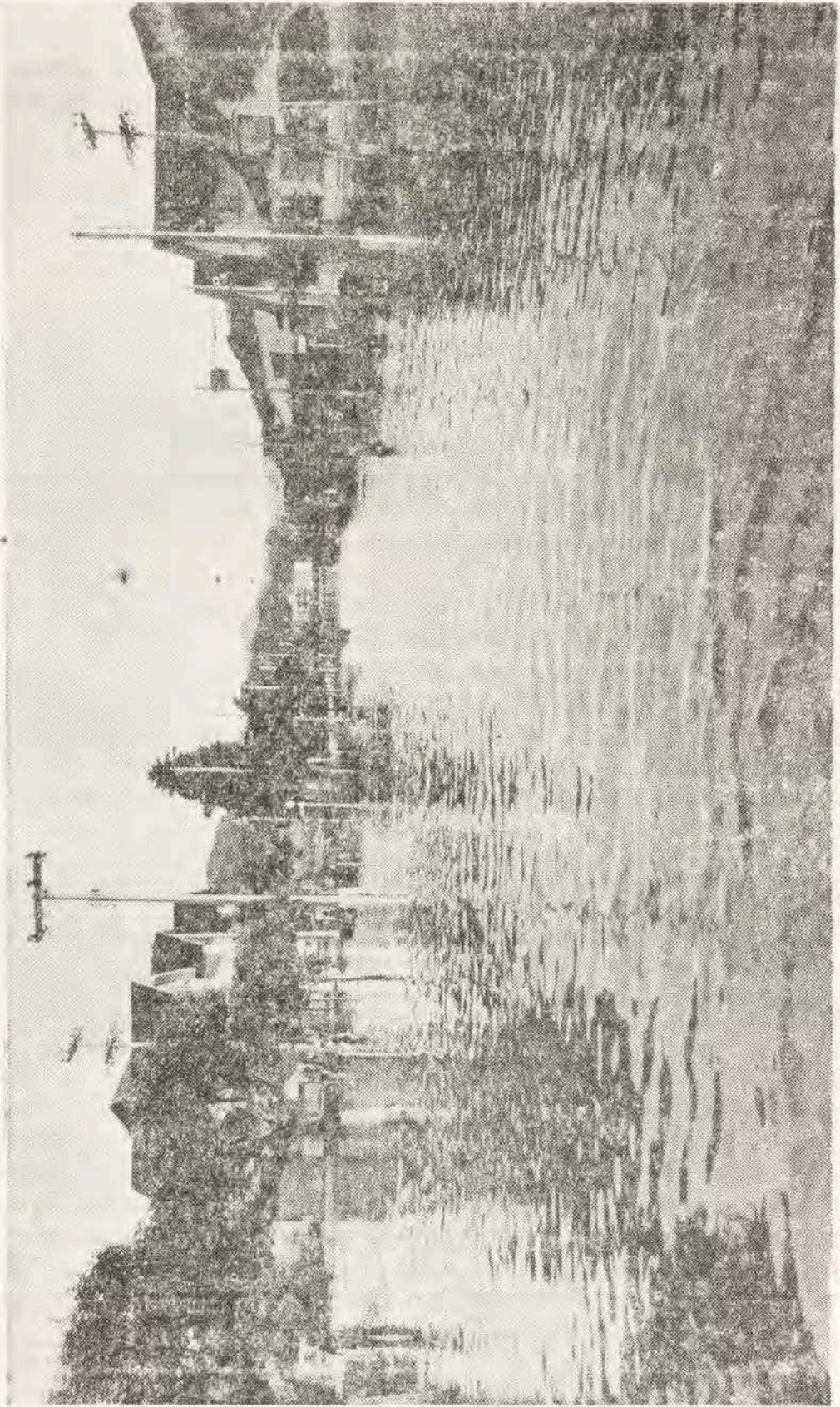
Desde 2 de junho (sábado) o tempo começou a piorar com chuvas continuadas e frio. No domingo o rio começou a subir tão rapidamente que já a noite todas as comunicações através as balsas estavam interrompidas. Pela segunda feira o rio já começou a baixar, afastando o perigo de uma grande enchente. As águas alagaram apenas a partes mais baixas da Colônia (2).

1888

A 30 de outubro, nova pequena enchente. As águas subiram 5 metros (2 braças e meias). Segundo o "Blumenauer Zeitung", de 3 de novembro seguinte, essa fora a quinta vez

(1) "Blumenauer Zeitung", n° 17, 25 de abril de 1885

(2) "Blumenauer Zeitung", n° 23 de 9 de junho de 1888



Alameda Barão do Rio Branco sob os efeitos da última enchente em Blumenau — Agosto de 1973

no ano que o rio alcançara essa altura. Não consta tivesse causado maiores prejuízos. A 2 de junho deve ter alcançado o mesmo nível.

1889

26 de abril, nova cheia do rio sem maiores consequências.

1889

10 de maio. Mal haviam se passado quinze dias da última cheia, novamente o rio Itajaí Açu transbordou, pregando um grande susto à população. O "Blumenauer Zeitung" diz que essa foi a maior enchente depois da de 1880. Não há notícia do nível alcançado pelas águas. As partes mais baixas da Colônia ficaram submersas (1).

1891

18 de junho — O "Blumenauer Zeitung", nº 35, de 24 de junho escreveu: "As águas baixaram, o sol brilha e a fresca brisa anuncia mudança de tempo, dando-nos esperanças de que a temida maré de lua cheia, no domingo pela manhã pode acontecer sem maiores receios. Muito logo poderão todos os moradores que tiveram suas casas invadidas pelas águas, voltar às suas residências para procederem à limpeza e remoção dos detritos deixados pela enchente. O sol e os ventos se encarregarão de secar as paredes e comodos dos prédios alcançados pelas águas. A teoria de que com uma periodicidade quase certa de que as enchentes do Itajaí se verificam de 11 em 11 anos, parece criar novo reforço. Para modificá-las ou para acabar com elas, não há meios. Também a velha Europa e a culta Alemanha tiveram que suportar grandes enchentes dos últimos anos sem poder fazer alguma cousa. Tudo quanto se pode fazer, é preparar os meios de defesa das vidas e das propriedades para que eles estejam à mão e a tempo de serem usados e aqueles que construírem daqui por diante, escolham com cuidado o chão de casa para evitar as piores consequências. A riqueza hidrográfica do nosso município é, sem dúvida, uma benção. Não se pode, por enquanto, calcular quais os prejuízos causados pelas águas às plantações, pontes e estradas, pois não se tem ainda informações exatas das diversas partes do muni-

(1) "Blumenauer Zeitung", nº 20, de 18 de maio de 1889

cipio. Estragos enormes sofreu a ponte de Itoupava e para pô-la novamente em serventia vai levar tempo. Aqui será construída uma nova ponte e o governo vai exigir que o município a construa inteiramente às suas custas. Segundo ouvimos o chefe de comissão local, Dr. Hercilio Luz, interferirá junto ao governo do Estado (1). A dar-se crédito a dados de que não encontramos confirmação (2), esta enchente alcançou o nível de 13m,50, suficiente para incalculáveis prejuízos não só na Vila, como por todo o interior da Colônia.

1898

A 30 de abril e 1º de Maio. Os jornais escrevem a propósito dessa enchente: "As fortes chuvas de sábado e domingo provocaram grande enchente do Itajaí Açu que ultrapassou o leito. As partes mais baixas da cidade estão debaixo d'água. Na tipografia do "Urwaldsbote", as águas atingiram a altura de um homem. As comunicações foram interrompidas completamente, pois as ruas da cidade estão alagadas, embora nesses lugares alguns moradores colocaram canoas para dar passagem aos pedestres. Por dois dias o trânsito de carroças e cavaleiros ficou paralizado. A enchente causou grandes prejuízos nas estradas, pontes e canais (3). Informes publicados recentemente, (4) dão como tendo o nível das águas atingido a cota de 12 metros acima do normal. A ser verdadeira (e acreditamos não ser sujeita a dúvidas) a notícia sobre a altura das águas na tipografia do "Der Urwaldsbote" e sabendo-se que essa tipografia ficava nos fundos do atual nº 748, pode-se bem acreditar na indicação da cota acima. Foi uma das grandes cheias do Itajaí.

1898

Nas vésperas de Natal, depois de continuadas chuvas, o rio Itajaí transbordou. A 24 e 25 todas as pontes e caminhos nos lugares mais baixos ficaram debaixo d'água. Muitas casas ficaram atingidas. A 26 o tempo melhorou, afastando o perigo

(1) *Dr. Hercilio Luz, mais tarde, no governo do Estado, mandou construir a ponte por conta dos cofres estaduais.*

(2) *"Blumenau em Cadernos", Tomo 4º, página 18*

(3) *"Blumenauer Zeitung", nº 19, de 7 de maio de 1898*

(4) *"Blumenau em Cadernos", vol. 4º, pág. 18 — 1961*

de uma enchente catastrófica. O nível do rio não deve ter alcançado cota superior aos 11 metros (1).

1900

Outra enchente de grandes proporções verificou-se em fins de maio de 1900 (2). A cidade ficou submersa nas suas zonas baixas. Muitas casas também foram invadidas pelas águas. As comunicações com o interior ficaram completamente interrompidas. A 26, havia já 24 horas que não chovia mais, mas ainda não havia indícios de melhoria do tempo.

1905

19 de outubro - Pequena enchente. Causou muitos prejuízos aos agricultores. Principalmente em Rio do Testo, onde as águas ultrapassaram o seu leito natural, invadindo plantações, muitas das quais ficaram completamente imprestáveis. Em Wunderwald, destruiu e carregou o seu moinho de milho.(3) - O mes de dezembro foi excessivamente chuvoso, principalmente nas duas primeiras semanas. Os ribeirões, no interior da Colônia, ultrapassando os respectivos leitões, submergiram as plantações, estragando-as. Pontes e canais foram destruídos.

1907

Terça, quarta e até quinta feira à noite (3, 4 e 5) choveu torrencial e continuamente. As águas do Itajaí Açu invadiram as casas ribeirinhas, inclusive em algumas ruas da cidade. Os jornais afirmam que foi a maior enchente dos últimos cinco anos. (Desde cinco anos atrás até hoje não tivemos uma cheia tão alta, quando, antes, quase ano após ano tivemos enchentes, mais ou menos altas.(4) - Os dados dos jornais da época não nos autorizam a algum calculo sobre a altura atin-gida pelas águas.

(1) "Blumenau em Cadernos", vol. 4ª, pàg. 18 dá essa enchente como acontecida em junho. Mas o "Blumenauer Zeitung" de 26 de maio já noticia a enchente com os elementos que aproveitamos.

(2) "Der Urwaldsbote", n° 17 de 21/10/1905.

(3) "Blumenau em Cadernos" volume 4º, página 18, dá para esta enchente a cota de 12 metros.

(4) "Der Urwaldsbote", nª 20, de 7 de setembro de 1907.

1911

Já nos primeiros meses o tempo apresentou-se chuvoso. Durante todos esses meses as chuvas foram quase continuas. De 1º para 2 de fevereiro uma tromba d'água caiu sobre a cidade, ameaçando repentina cheia do rio e atemorizando os habitantes da cidade. Felizmente, esse perigo passou. Foi, entretanto, o prenúncio de uma catástrofe de proporções inimagináveis. O mes de setembro foi de chuva fina e persistente. O solo saturado em todo o Vale do Itajaí ensejava pequenos transbordamentos dos riachos e ribeirões que cortam a zona colonial. Pelo fim do mes, as chuvas engrossaram, caindo torrencialmente sobre toda a região. A fazer por nossa conta, um resumo das noticias dos jornais da época sobre a enorme calaminade, preferimos transcrever o que, a respeito, publicou a edição portuguesa "Urwaldsbote". Os seus diretores e redatores foram testemunhas oculares e sofreram na própria carne os efeitos dessa enchente que, até hoje, é relembrada como a maior desgraça que já se abateu sobre Blumenau desde sua fundação.

1911

Nova enchente do Itataí Açu verificou-se neste ano, pouco mais de dois meses após a pavorosa calamidade do começo de outubro. Nos principios da última semana de outubro, começou novamente a chover torrencialmente. O rio e seus afluentes engrossaram, saindo do leito. Na terça-feira, 28, choveu durante 12 horas consecutivas e na noite seguinte já as águas alcançaram a cota de 5 metros sobre o nível normal. As zonas mais baixas da cidade começaram a ser submersas.

Notícias alarmantes vinham do planalto e das regiões mais altas do Vale, onde continuava chovendo. Os moradores dos lugares mais sujeitos às cheias, trataram já de remover móveis e objetos que havia pouco tinham sido respostos em seus lugares nas casas ainda enxarcadas da última cheia.

As águas continuaram subindo, chegando a atingir 9,56 metros sobre o nível normal, ficando apenas 6,71 metros abaixo do nível atingido em outubro.

Felizmente, a 30 de outubro as águas começaram a baixar, escapando Blumenau de reviver a grande catástrofe do mês anterior. Desta vêz, os prejuízos foram maiores no interior

da Colônia, especialmente no Rio do Testo. Itoupava Central também foi duramente atingida. A estrada que liga Blumenau à Vila Itoupava, ficou completamente submersa, sem possibilidade de trânsito e a casa de negócio da importante firma Companhia Jensen, que fora poupada na cheia de 1º de outubro, foi invadida pelas águas, causando muitos prejuízos.

1923

Depois de alguns dias de chuvas torrencias, a 20 de junho deste ano, o rio Itajaí alcançou o nível mais alto depois da grande enchente de 1911. Segundo o "Der Urwaldsbote", a rua principal (rua São Paulo) desde a firma Seibt & Stange (pouco adiante da ponte sobre o Ribeirão da Velha) até a propriedade do Dr. Sappel (proximidades da Praça Fritz Müller) parecia um verdadeiro mar, completamente submersa. A ponte da Velha, a atual rua Marechal Floriano, a parte final da rua das Palmeiras, o caminho para a sede dos Atiradores e outras ruas ficaram submersas. As águas subiram com extraordinária violência a ponto de aumentarem quase um metro por hora. Os moradores das zonas mais baixas começaram a fazer a mudança de seus pertences para lugares mais seguros. Felizmente, na quinta-feira, 21, as águas começaram a baixar e no dia seguinte começou a soprar um forte vento gelado, anunciando, talvez, o fim do chuvoso período.

Apreciando os dados colhidos nos jornais da época, podemos avaliar em 9 metros, mais ou menos, o nível atingido pelas águas nesta cheia do Itajaí.

Os jornais reclamam a falta de uma organização bem aparelhada que pudesse transmitir, em tais ocasiões, à cidade sede do município e a outros pontos do Vale do Itajaí notícias das observações sobre as precipitações pluviais e o crescimento dos rios e ribeirões na região das nascentes, dos braços formadores do Itajaí Açu, de sorte a que as enchentes não tomassem de surpresa, como vinha acontecendo à população de Blumenau. O nível atingido por esta enchente foi de 16,70.

1925

A 12 de maio, depois de longo período de seca, chuvas torrencias e contínuas desabaram sobre todo o Vale do Itajaí. O grande Itajaí entrou a crescer, a principio vagarosamente.

(Continua no próximo número)

ÍNDICE DO TOMO XV

	Página
Não podemos parar — Redação	1
Em memória de um amigo — Oswaldo R. Cabral	2
Criação de três aldeamentos — Redação	4
Preito à lembrança de um amigo — Gustavo Neves	5
† Prof. José Ferreira da Silva — Redação	6
Acadêmico Prof. José Ferreira da Silva — Gustavo Konder	11
O resultado da vida, .. da "A Nação"	13
Uma luz que se apaga — Arnaldo Brandão	14
Jaconianni, o mágico — C. Gaertner	16
A colônia Angelina — Redação	18
O zelo dos dinheiros públicos — J. Mendes da C. Rodrigues	19
Casa dos artistas de Blumenau	20
A nossa razão de ser — Redação	21
Estante Catarinense — Carlos Braga Müller	22
Mestre Ferreira — Celso Liberato	23
A morte de um pioneiro — Redação	24
Tromba d'água — Redação	26
O agrimensor Walter Schmidt — C. Gaertner	27
Número de habitantes em Santa Catarina em 1739 — Redação	29
Blumenau em Cadernos — Gustavo Neves	30
João Tibúrcio — José Mendes da Costa Rodrigues	32
Os Sírios Libaneses em Santa Catarina — Walter F. Piazza	34
Novo Reitor — Redação	37
† Falecimento: — Prof. Aujor Ávila da Luz — O. R. C.	38
Salto dos Pilões — Poesia — A. Cardoso	39
Santa Catarina, Terra e Gente — Redação	39
Substituição de Comando — Redação	39
A nossa capa — Redação	40
Solidariedade que conforta — Redação	41
A Prefeitura de Blumenau investiu — Redação	42
O planaltino das primeiras décadas — C. Gaertner	43
Promessa cumprida — Silveira Junior	47
Rua Ferreira da Silva — clichê	48
A oitava maravilha do mundo — Gustavo Konder	49
Os primeiros povoadores de Timbó — Redação	51
A primeira banda de música de Blumenau — clichê	52
Bibliografia aliniegena sobre Santa Catarina — Walter F. Piazza	53
João Brabo — José Mendes da Costa Rodrigues	56
Estante Catarinense — Carlos Braga Müller	60
O que nos faz prosseguir — Redação	61
† Viveu praticando o bem — Redação	62
Indaial — Comunidade Evangélica — Colonização de Rodeio — Redação	63
Orações e Benzimentos — C. Gaertner	64
Nascimento do alfabeto — Gustavo Konder	67

	Página
Pombos em Blumenau — Wolfgang Gielow	70
O Marechal Francisco José Soares de Andréa — Barão de Caçapava	
— José Mendes da Costa Rodrigues	72
Os primórdios da Luz Elétrica em Blumenau — Redação	77
Peter Wagner — Redação	79
Novo Embaixador da Alemanha — Redação	80
O Templo Católico de Blumenau — F. C. Allende	81
Uma informação contraditória — C. Gaertner	84
O município de Benedito Novo — Redação	86
A colonização Italiana em Santa Catarina — Walter F. Piazza	87
A administração Blumenauense — Redação	89
Aconteceu em Brusque há 75-80 anos — Ayres Gevaerd	90
Biblioteca "Dr. Fritz Müller" — Indústrias em Blumenau — Redação	93
A origem do nome de Itajaí — Gustavo Konder	94
† Professor Carlos Ficker — Redação	97
Os primeiros moradores de Gaspar — Silveira Junior	98
Gertrud Gross-Hering — Um perfil — Inge Vera von Hertwig	100
A Fundação de Lages — Redação	103
† Dr. Martinho Cardoso da Veiga — Redação	104
A primeira comunidade alemã em Santa Catarina — Elzeário	
Schmitt - O. F. M.	105
Honrosa e merecida distinção — Redação	138
O Juiz de Paz de Tijucas — José Mendes da Costa Rodrigues	140
Bibliófilos e Bibliógrafos - I — Oswaldo R. Cabral	141
A presença espiritual do Dr. Blumenau — Gustavo Konder	144
José Antonio da Silva Simas — José Mendes da Costa Rodrigues	145
O Contestado e a Colonização — C. Gaertner	146
Heinz Geyer - no palco Cenas da Vida dos Imigrantes — Redação	148
Homenagem ao Pioneiro — Redação	149
Centenário dos Italianos em Santa Catarina — Mario Bonatti	151
O Sindicato Farquhar e Santa Catarina — Walter F. Piazza	153
Como se festejava em Blumenau a festa do Natal — Frederico	
Kilian	156
Pátria — Nestor Seara Heusi	157
Franz Spernau — Harry Zuege	158
† Irinêu Bornhausen — Redação	162
Repousam em Blumenau os Restos Mortais do Fundador da	
Cidade — Redação	163
Homenagem Póstuma — Redação	164
Do que se morria em Gaspar . . . Antigamente — Elzeário	
Schmitt O. F. M.	165
† José Ferreira da Silva — Edmundo Acácio Moreira	167
Fundação "Casa Dr. Blumenau" — Declarada de Utilidade	
Pública	170
As enchentes no Vale do Itajaí - I — José Ferreira da Silva	171
Coerência e Patriotismo — F. C. Allende	173
O Pastor Faulhaber — Redação	174
Um grande mestre da História Catarinense — Victor A.	
Pelluso Jnr.	175

	Página
As origens da Colônia Nova Ericeira — Walter F. Piazza	177
Mausoléu do Dr. Blumenau — (clivhê) Redação	179
Um Cinquentenário em Rio das Antas — C. Gaertner	180
Porque "America"? — Gustavo Konder	185
Leva de imigrantes em 1930 — Redação	186
Bibliófilos e Bibliógrafos - II — Oswaldo R. Cabral	187
Mapa da Costa Catarinense - clichê	188-189
Clichês da Sessão da Saudade	192
Sessão da Saudade — Theobaldo Costa Jamundá	193
Imigração em 1868 — Redação	197
Clichês de inauguração da placa	198
As enchentes no Vale do Itajaí - II — J. Ferreira da Silva	199
Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo e o Sesquicentenário da Imigração Alemã — Egon Schaden	205
Eusébio e o Contestado — C. Gaertner	208
Escritura da Venda de um escravo — documento	213
Bibliófilos e Bibliógrafos - III — Oswaldo R. Cabral	215
Vista Geral dos Fortes Catarinenses — Clichês	216-217
Altruísmo — A. Cardoso	219
Almirante Zimmermann - visita Blumenau - c/ clichê — Redação	220
As enchentes no Vale do Itajaí - III — J. Ferreira da Silva	221
Feliz Natal e Próspero Ano Novo — Redação	229
Posse do Conselho Curador — Redação	230
Natal na Mata Virgem — Pastor Wilhelm Lange	231
A Sesmaria de Tovar — Ruy Vieira da Cunha	237
Victor Gaertner e a Colonização do Alto Vale do Itajaí — Walter F. Piazza	239
Dom Pedro II — Redação	241
Antonio de Menezes Vasconcelos de Drumond — Redação	242
O Misticismo Religioso e o Contestado — C. Gaertner	243
Para os nossos pequenos — A. Cardoso	248
Estante Catarinense — Carlos Braga Müller	250
Conêgo Raulino Reitz, Cidadão Carioca — Transcrição	251
As enchentes no Vale do Itajaí - IV — J. Ferreira da Silva	253

BLUMENAU EM CADERNOS

Assinatura Anual (12 números) Cr\$ 20,00

Números avulsos - - - - - Cr\$ 2,00

Números atrasados - - - - - Cr\$ 5,00

Relação das obras editadas pela
Fundação “Casa Dr. Blumenau”
e
“Blumenau em Cadernos”

Charles Van Lede e a Colonização Belga em Santa Catarina
CARLOS FICKER

Sentido Catarinense e Brasileiro de Fritz Müller
EVALDO PAULI

O Esquecido Tradutor de Um Livro Raro
Prof. OSWALDO R. CABRAL

Atos constitucionais da Fundação “Casa Dr. Blumenau”
Otaviano Ramos — J. FERREIRA DA SILVA

Ligeiro Histórico e Catálogo do Museu da Família Colonial
Revivendo o Irmão Joaquim — Prof. OSWALDO R. CABRAL

A Primeira Comunidade Alemã em Santa Catarina
ELZEÁRIO SCHMITT C. F. M.

As Terras no Itajaí Mirim e Vasconcelos de Drumond
J. FERREIRA DA SILVA

Blumenau na História Militar Brasileira
Tnte. Cel. HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN

Blumenau e a Revolução de 1893 — JOSÉ DEEKE
Índigenas do Vale do Itajaí — JOSÉ DEEKE

NO PRÉ LO

As Enchentes no Vale do Itajaí — J. FERREIRA DA SILVA

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação.

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

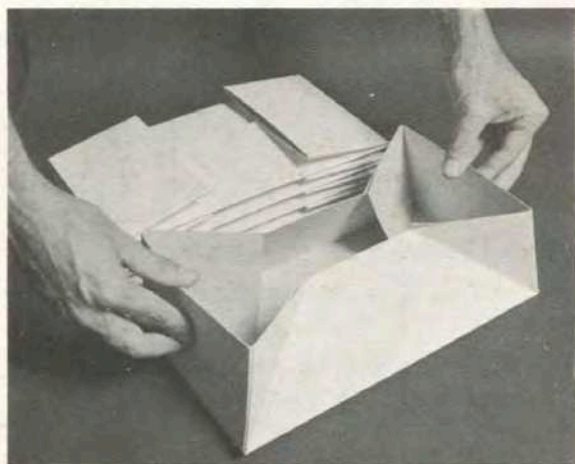
Conselho Curador: *Hercilio Deeke* - presidente

Edison Müller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —

Isolde Hering d'Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

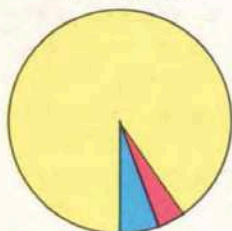
SCHNELL + VERPACKUNG =
a embalagem rápida



REVEJA SEUS CONCEITOS TRADICIONAIS A RESPEITO DA MELHOR EMBALAGEM PARA O SEU PRODUTO, POIS QUE SURTIRAM NOVIDADES.

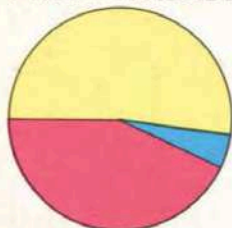
O SISTEMA DE EMBALAGENS DE ARMAÇÃO AUTOMÁTICA JÁ É MUITO DIFUNDIDO NA EUROPA, ESTADOS UNIDOS E JAPÃO; NO BRASIL NÓS SOMOS PIONEIROS E SEGURAMENTE AS EMBALAGENS "SCHNELLPACK" PODERÃO RESERVAR AGRADÁVEIS SURPRESAS PARA SUA EMPRESA.

VOLUME



REDUÇÃO DO ESPAÇO NECESSÁRIO PARA ESTOCAGEM

PRODUTIVIDADE



ACRÉSCIMO DE PRODUTIVIDADE NO PROCESSO DE EMBALAGEM DO PRODUTO

CUSTOS



CUSTOS INFERIORES

- CXS. RÍGIDAS ARMADAS
- CXS. DESMONTÁVEIS
- CXS. NO SISTEMA "SCHNELLPACK"

PARA EFEITO DE COMPARAÇÃO, UTILIZAMOS UMA EMBALAGEM HIPOTÉTICA DE TAMPA E FUNDO COM DIMENSÕES DE 30x25x6 cm

